



## IDEOLOGIA DOS GRUPOS DE MUDIATIVISMO DO RIO DE JANEIRO

*Ideology of midiativismo groups in Rio de Janeiro*

*Ideología de los grupos de midiativismo de Río de Janeiro*

**Marcelo Hernandez Macedo**

Professor Associado da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e Coordenador do Laboratório de Comunicação Dialógica (LCD/FCS/UERJ)  
*marcelo.ernandez@gmail.com*

**Milene Santos Couto**

Graduanda em Letras pelo Instituto de Letras da UERJ e Bolsista de Iniciação Científica do Laboratório de Comunicação Dialógica (LCD/FCS/UERJ)  
*milene\_couto@hotmail.com*

### Resumo

Diferente do jornalismo tradicional, o midiativismo reivindica um novo paradigma de comunicação que se distancia de uma verdade absoluta, assumindo, portanto, suas ideologias a favor de movimentos que lutam por melhores condições de vida e igualdade social. Este artigo tem como objetivo discorrer sobre as ideologias que influenciam os grupos midiativistas do Rio de Janeiro e as disputas entre eles. Os métodos utilizados para desenvolver este trabalho foram as pesquisas de campo e as entrevistas realizadas pelo Laboratório de Comunicação Dialógica (LCD/UERJ) junto a esses grupos no decorrer da realização do documentário de longa-metragem *Mídia em Movimento*, do final de 2013 a meados de 2015. Na primeira parte do texto fazemos uma breve abordagem sobre os conceitos de ideologia e a trajetória das disputas ideológicas de esquerda no Brasil e, em seguida, analisamos as ideologias dos movimentos midiativistas do Rio de Janeiro e os conflitos observados entre esses grupos.

**Palavras-chave:** Ideologia. Midiativismo. Rio de Janeiro.

### Abstract

Unlike traditional journalism, *mediativismo* claims a new communication paradigm which distances itself from an absolute truth, assuming its ideologies in favour of movements that fight for better living conditions and social equality. This article has the purpose to discuss the ideologies that influence the *mediativismo* groups in Rio de Janeiro and the disputes between them. The methods used to develop this work were field researches and interviews carried out by the Dialogical Communication Laboratory (UERJ/DCL) with these groups during the making of the documentary *Mídia em Movimento*, from the end of 2013 to the mid-2015. In the first part of the text we make a short approach about the concepts of ideology and show the trajectory of left-wing ideological disputes in Brazil. Then we analyse the ideologies of the *mediativistas* movements in Rio de Janeiro and the conflicts observed between these groups.

**Key words:** Ideology. *Midiativismo*. Rio de Janeiro.



## Resumen

A diferencia del periodismo tradicional, el *mediativismo* exige un nuevo paradigma comunicativo que se aleje de una verdad absoluta, asumiendo, por tanto, sus ideologías a favor de movimientos que luchen por mejores condiciones de vida y la igualdad social. Este artículo tiene como objetivo discutir las ideologías de los grupos de *mediativismo* de Río de Janeiro y las disputas entre ellos. Los métodos utilizados para desarrollar este trabajo fueron la investigación de campo y entrevistas realizadas por el Laboratorio de Comunicación Dialógica (LCD/UERJ) a estos grupos durante la realización del largometraje *Mídia em Movimento*, desde finales de 2013 hasta mediados de 2015. En la prima parte del texto, abordamos brevemente los conceptos de ideología y la trayectoria de las disputas ideológicas de izquierda en Brasil, y luego analizamos las ideologías de los movimientos *mediativistas* en Río de Janeiro y los conflictos observados entre estos grupos.

**Palabras clave:** Ideología. *Midiativismo*. Río de Janeiro.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo é o último de uma série de três textos sobre o midiativismo. O primeiro<sup>1</sup> mostra como esses grupos se formaram a partir da apresentação de um panorama da origem e do desenvolvimento do midiativismo em escala mundial, sua trajetória dentro do país e as condições sociais que levaram ao surgimento desse fenômeno no Rio de Janeiro. Além disso, o artigo aponta como as experiências pessoais prévias, a trajetória familiar, o perfil social dos seus integrantes, as experiências midiativistas em outros países e a insatisfação com a representação política foram fundamentais para a criação e a rápida expansão dessa forma de se comunicar no Brasil. O segundo<sup>2</sup> analisa o funcionamento desses grupos, apontando para os problemas de sustentabilidade e para a repressão por parte do Estado como principais dificuldades. Nesse artigo, explicam-se também as formas que esses grupos se organizam e tomam decisões, assim como os efeitos de suas ações.

Assim como os outros dois artigos, este tem como métodos, além dos estudos bibliográficos, a pesquisas de campo e as entrevistas realizadas junto a esses grupos no decorrer da realização do documentário de longa-metragem *Mídia em Movimento*, lançado em 2016, que acompanhou a ação de alguns dos principais grupos de mídia independente no Rio de Janeiro do final de 2013 a meados de 2015. Dando continuidade a esse estudo,

---

<sup>1</sup> MACEDO, Marcelo; SILVA, Flávio; CARDOSO, Alessandra. A formação de grupos de midiativismo no Rio de Janeiro. *ALCEU*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 94-113, jul./dez. 2017.

<sup>2</sup> MACEDO, Marcelo; CARNEIRO, Elis; BANDINI, Bárbara. As condições de sustentabilidade, a organização e os efeitos do midiativismo no Rio de Janeiro. *Revista comunicação & educação*, ano XXV, n. 1, jan./jun. 2020.

pretendemos agora, neste terceiro artigo, discorrer sobre as ideologias que envolvem e condicionam as ações desses grupos, completando, assim, as pesquisas sobre o tema.

O midiativismo surge como um sistema contra-hegemônico que revela a natureza ideológica de ações das mídias dominantes e propõe novos padrões de jornalismo ao desmistificar a ideia de neutralidade. Desse modo, esse movimento opõe-se à mídia tradicional, que defende uma suposta imparcialidade na cobertura dos fatos, propondo um novo paradigma de comunicação que se distancia de uma verdade absoluta. Nesse sentido, os coletivos de mídia independente assumem e afirmam suas parcialidades ideológicas a favor de movimentos que lutam por melhores condições de vida, por igualdade social e pelo fim dos preconceitos que afetam as minorias. Essa nova forma de produzir conteúdo midiático ofereceu suporte para mobilizações sociais e participação política ao longo das chamadas Jornadas de Junho de 2013, que, na verdade, estenderam-se por vários meses.

Para iniciar essa discussão, sabemos que há diferentes sentidos para o termo “ideologia”. Segundo Williams (1983, p. 153-157), essa palavra foi cunhada pela primeira vez pelo filósofo francês racionalista Destutt de Tracy para designar uma “ciência das ideias”, em oposição ao estudo da metafísica. Mais tarde, o termo foi reutilizado por Napoleão Bonaparte em um discurso no qual atacava os defensores da democracia e chamava os princípios iluministas de “ideologias”, em sentido pejorativo, para designar um conjunto de ideias abstratas que não correspondiam a fatos reais. Depois de um tempo, o termo voltou a ser empregado por Marx e Engels no livro *A ideologia alemã*, em que os filósofos definem ideologia como representações ilusórias da realidade empregadas em discursos da classe social dominante por meio dos quais o indivíduo é levado a pensar, sentir e agir de maneira que convém aos interesses materiais da classe que detém o poder. Segundo eles, essa falsa consciência distorce a realidade dos conflitos existentes na sociedade ao apresentar uma suposta verdade absoluta, como se todos os indivíduos compartilhassem dos mesmos interesses e ideias.

Althusser (1996 [1970]) retoma as perspectivas marxistas sobre o tema e acrescenta que o Estado possui papel fundamental para assegurar às classes dominantes sua dominação sobre a classe trabalhadora. Segundo ele, em uma sociedade capitalista, o Estado, por meio de suas instituições ou aparelhos, tem como objetivo submeter a classe trabalhadora à ideologia dominante, ou à “prática” dessa ideologia, e utilizar sua força de execução e intervenção para reprimir tudo aquilo que não seja a favor do sistema de exploração sobre a classe operária. Portanto, de acordo com Althusser, para haver uma mudança efetiva de um sistema de

exploração para um sistema mais igualitário, não bastaria ser detentor do poder do Estado, seria preciso, numa primeira fase, alterar as configurações dos aparelhos de Estado, e depois, eliminar o poder estatal e seus aparelhos.

Nos últimos anos, surgiram inúmeras discussões teóricas sobre ideologia. Eagleton (1977) destaca uma variedade de definições contemporâneas sobre o termo. Dentre elas, neste trabalho, usaremos o conceito de ideologia adotado pelo filósofo político Martin Seliger, que argumenta em favor de um sentido amplo e não pejorativo do termo como um “conjunto de ideias pelas quais os homens postulam, explicam e justificam os fins e os meios da ação social organizada, e especialmente da ação política, qualquer que seja o objetivo dessas ações, se preservar, corrigir, extirpar ou reconstruir uma certa ordem social” (SELIGER, 1976, p. 11, *apud* EAGLETON, 1997, p. 20). Portanto, a partir da compreensão da definição adotada do termo, analisaremos as diferentes ideologias que orientam as ações políticas e os conflitos entre os grupos midiativistas do Rio de Janeiro.

## **2 TRAJETÓRIA DAS DISPUTAS IDEOLÓGICAS DE ESQUERDA NO BRASIL**

As diferentes correntes ideológicas de esquerda foram criadas e/ou reformadas de acordo com os contextos históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais de cada época. E mesmo no interior dos grupos organizados que seguem uma determinada vertente, pode haver subgrupos que compartilham de visões distintas. Nessa perspectiva, não existe uma esquerda homogênea. No Brasil, a trajetória da esquerda foi influenciada principalmente por movimentos revolucionários inspirados no marxismo e no anarquismo, que serviram de referência para a formação de organizações e partidos políticos.

Em 1917, sob a influência e o impacto da Revolução Russa, que seguia os pensamentos de Marx e Engels, líderes anarquistas de movimentos operários brasileiros viram uma oportunidade de dar o primeiro passo para chegar a uma sociedade comunista. Então, em março de 1922, o Partido Comunista (PC) é formado a partir da adesão desses líderes anarquistas à ideologia marxista-leninista dos bolcheviques. Porém, devido a conflitos internos, o partido logo sofreu algumas rupturas, das quais surgem os primeiros grupos trotskistas, o atual Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e boa parte das organizações de guerrilha brasileiras.

Segundo Silva (2009), um dos acontecimentos de âmbito internacional que teve influência determinante para a ruptura do monolitismo político do PC no Brasil foi o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, realizado em 1956. Na ocasião, o então

secretário do partido denunciou os diversos crimes cometidos no regime de Stalin, seu predecessor. Poucos anos depois, a dissidência começou a ganhar ainda mais força com o cenário internacional de divergências entre os Partidos Comunistas soviético e chinês. O primeiro defendia a via pacífica ao socialismo, enquanto o segundo entendia que a guerra popular seria o melhor caminho. Essas dissidências ideológicas também tiveram reflexo no Partido Comunista brasileiro, que sofreu novas rupturas.

O impacto da instabilidade política internacional acarretou em uma crise da ideologia marxista-leninista que fomentou o surgimento de uma “nova esquerda” no Brasil. A mais significativa cisão do PC teve início, em 1961, com o V Congresso do partido. Nesse evento, se estabeleceu uma nova perspectiva de ação política por meio de um caminho pacífico e de longo prazo para a revolução brasileira. No ano seguinte, para se adequar à legislação partidária, seu nome foi modificado para Partido Comunista Brasileiro (PCB). Essas decisões aprofundaram as divergências internas e o grupo que se opôs às mudanças foi expulso do partido. Nessa cisão, os dissidentes formaram o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), preservando a memória de Stalin, buscando o alinhamento com o maoísmo chinês e adotando táticas de luta de guerrilha.

Na década de 1960, as organizações e os partidos formados a partir de inúmeras cisões e fusões se multiplicaram. De acordo com Cardoso (1984), nesse período o movimento de massas se radicalizou ainda sob a influência de novos modelos revolucionários pragmáticos da revolução chinesa e cubana que estimularam uma onda de guerrilhas urbanas pela América Latina. Nesse cenário, surgiram duas organizações extraparlamentares importantes da esquerda armada no Brasil: a *Ação Popular* (AP) e a *Política Operária* (POLOP). Contudo, a “esquerda revolucionária” não suportou a repressão do golpe militar de 1964. Parte dos militantes desses grupos, no entanto, mais tarde criaram novas organizações ou fundiram-se a outros grupos para formar novas organizações e partidos políticos.

O PCB e os seus primeiros grupos dissidentes foram os principais pontos de partida para as atuais organizações e partidos de esquerda contemporâneos. Os núcleos de esquerda que conseguiram sobreviver à repressão do golpe de 1964, a ascensão operária dos anos 1978-1980 vinculada ao movimento estudantil e a emergência de novos personagens na cena social e política brasileira propiciaram condições favoráveis à revitalização da esquerda a partir de influências marxistas no interior do “novo sindicalismo”. Conforme Santana (1998), esse sindicalismo surgiu como um movimento de luta dos trabalhadores em negação às práticas do “velho sindicalismo”, atuante entre 1945 e 1964. Os “sindicalistas autênticos” aliaram-se em

oposição ao antigo movimento sindical populista e atuaram em defesa da liberdade e autonomia sindical que resultaria mais tarde na fundação da Central Única de Trabalhadores (CUT), organização sindical brasileira de massas que atua em defesa dos interesses da classe trabalhadora.

Nesse contexto, inaugura-se uma nova era na trajetória da esquerda brasileira, em 1980, com a formação do Partido dos Trabalhadores (PT), grupo heterogêneo de viés social-democrático que se opõe aos modelos stalinista soviético e maoísta chinês. A hegemonia do PT na esquerda, no entanto, levantou críticas ao modelo de socialdemocracia, pois afirmava-se politicamente contra a ordem social, mas, ao mesmo tempo, se resignava aos vínculos legais e ao jogo político eleitoral das instituições do Estado (legislativo e executivo). Segundo Silva (2009), ao posicionar-se entre a ruptura e a tradição, o partido, que na sua origem se dizia revolucionário e seguia princípios pragmáticos, passa a adaptar-se às circunstâncias, adotando um caráter propositivo e afastando-se do radicalismo dos primeiros tempos. Com a decadência do partido, surgiram no cenário brasileiro mais uma leva de organizações e partidos de esquerda, com as mais diversas orientações.

Soma-se a isso tudo o fato de que, nos últimos anos, a esquerda tem suplantado as chamadas “pautas identitárias” à pauta da classe social, que desde sempre foi aquela capaz de reunir quantidades significativas de pessoas em torno do universo do trabalho, a partir da identidade de “trabalhador” ou “classe trabalhadora”. Apesar desses movimentos classificados como “identitários” – e cada vez mais discute-se a validade dessa classificação, pois esta tenderia a silenciar essas pautas, escondendo, por exemplo, a hegemônica identidade do homem branco heterossexual – levantarem temas de extrema importância social, de acordo com Souza (2019), essa sobreposição tem como resultado a fragmentação das esquerdas e, conseqüentemente, a diminuição do seu poder de barganha. É preciso deixar claro que não estamos aqui advogando que essas bandeiras seriam um empecilho para a esquerda ou que elas são opostas às questões de classe, o que poderia advir de uma leitura rasa de nossa proposição. Estamos aqui apenas apresentando a contradição no sentido de que, encaminhadas de forma separada, tais pautas, urgentes, pois são estruturantes da nossa sociedade, perdem força, porque não vêm conseguindo reunir diversas camadas sociais por suas bandeiras. Se essa fragmentação é necessária para construir uma nova esquerda que compreenda melhor suas questões estruturantes, não sabemos. Mas, nos parece difícil negar que o ingrediente da multiplicação das bandeiras sociais carrega embutido em si mesmo o problema da fragmentação da esquerda.

Mais recentemente, seguindo uma onda mundial, vem ganhando força no Brasil organizações influenciadas pelo anarquismo como ideologia e filosofia política. Tais organizações tentam se desvincular das correntes marxistas mais tradicionais, propondo modelos de sociedade alternativos, livre das hierarquias e dos sistemas de representação política. Essa ideologia se baseia na associação livre, de ajuda mútua e de democracia direta, em que as relações sociais não são definidas pela autoridade do Estado, da lei, da polícia, mas por meio do consenso como forma de decisão política e da economia colaborativa. A criação de espaços alternativos de mobilização coletiva e antissistema baseados nessa ideologia vem sendo adotada por muitos grupos de ativismo contemporâneo. Segundo Zúquete (2016, p. 972), “esses espaços de convívio surgem esporadicamente durante a efervescência de festivais, protestos, ocupações, revoltas – mas a esperança é que possam ser eventualmente expandidos no tempo e no espaço (...)”.

Apesar do propósito final do anarquismo ser a paz e a harmonia social, Zúquete percebe uma divisão dentro da vertente anarquista entre aqueles que defendem o uso da violência como estratégia e outros que preferem adotar uma perspectiva pacifista, negando-se a adotar qualquer tipo de confronto físico para atingir seus objetivos. Conforme o autor, a visão que impera na vertente que se utiliza da violência, chamada por ele de “anarquismo de insurreição”, “é a visão da violência anarquista como um mal necessário contra uma violência maior, estrutural e generalizada do Estado” (2016, p. 976).

A tática *Black Blocs* é um exemplo do anarquismo de insurreição no mundo contemporâneo. Zúquete (2016) afirma que os participantes de *Black Bloc* atuam no confronto físico direto contra o Estado e suas instituições, assim como os símbolos da opressão capitalista e a polícia. É uma tática de guerra contra o sistema, que estabelece ações pensadas e organizadas, baseadas em regras e manuais de conduta, as quais podem ser revistas de acordo com as necessidades e as contingências de cada situação. Nos momentos de ação, na ocupação das ruas, na destruição de propriedade e no confronto com a polícia, esses ativistas experimentam breves momentos de inversão de poder, gerando uma espécie de euforia coletiva.

No Brasil, a tática *Black Blocs* ganhou visibilidade nas manifestações de junho 2013, principalmente, no Rio de Janeiro e em São Paulo. De um lado, retratados pela grande mídia como “vândalos”, geralmente mascarados e vestidos de preto, apareciam destruindo bancos, realizando confrontos diretos com a polícia, entre outras ações. De outro lado, a mídia

alternativa, dando voz aos participantes de *Black Blocs*, mostra a visão por trás da ação dos ativistas e militantes que adotam a tática, além da grande repressão policial sofrida por eles.

Foi nesse contexto de protestos que levaram às Jornadas de Junho de 2013 que surgiu a necessidade de retratar, por meio de um documentário, a importância das mídias independentes e as singularidades por trás dos grupos de midiativismo que atuavam não apenas em movimento nas manifestações pela cidade, como também localmente nas comunidades. Assim, no processo de produção do longa-metragem *Mídia em Movimento*, além da pesquisa de campo, foram realizadas diversas entrevistas para apresentar o trabalho das mídias de comunicação dialógica.

### 3 OS CONFLITOS ENTRE OS GRUPOS DE MIDIATIVISMO

O projeto original de filme com os grupos de comunicação dialógica previa a participação do Mídia Ninja como representante dos grupos de midiativismo. Em meados de 2013, ainda na fase de elaboração do projeto, e no auge das manifestações contra o aumento das passagens de ônibus, aquele grupo destacava-se como o principal expoente daquela nova forma de fazer jornalismo. A transmissão em tempo real dos atos alcançava números surpreendentes de visualizações na internet e em poucos meses o grupo ganhou amplo reconhecimento social. Nesse sentido, não tínhamos dúvidas quanto a sua escolha como representante daquilo que se apresentava ao mesmo tempo como um movimento social e uma nova linguagem audiovisual.

Não obstante, à medida que começamos a acompanhar mais de perto a atuação dos grupos nas manifestações e, sobretudo, a realizar as primeiras entrevistas, ficou claro que havia divergências entre os Ninjas e os outros grupos que compunham aquela figuração, no sentido que Elias (2006) emprega ao termo. A notoriedade, algumas práticas e os vínculos do grupo com o governo petista incomodavam parte significativa dos outros grupos que também cobriam os atos. Embora tanto os Ninjas como os outros grupos constituíssem novidades no cenário carioca, parte dos integrantes destes outros grupos eram antigos militantes da esquerda carioca, enquanto a composição dos Ninjas era de jovens recém-chegados de outros estados, principalmente, do interior de São Paulo, vindos especificamente para expandir a atuação do grupo no Rio de Janeiro.

A disputa entre os estabelecidos e os *outsiders*, em dinâmica semelhante àquela percebida por Elias (2006) nas disputas entre trabalhadores ingleses, gerou um racha no midiativismo que cobria as manifestações. De um lado, estava o grupo dos Ninjas, de outro,

uma série de grupos que se opunham a este, e que formavam uma rede de cooperação entre si. Esses outros grupos atuavam de diversas formas, e alguns deles, tais como o Mariachi e o jornal *A Nova Democracia*, também alcançavam um número bastante expressivo de visualizações em suas postagens em redes sociais. Assim, a partir de determinado momento, percebemos que os Ninjas, sozinhos, não representavam o universo do midiativismo e, portanto, seria necessário acompanhar também a atividade de outros grupos<sup>3</sup>. E, a partir do momento que fizemos isso, as disputas na figuração se tornaram mais claras.

Devido à sua aproximação com o Partido dos Trabalhadores (PT), o grupo dos Ninjas era acusado pelos outros grupos de ter vantagens em editais públicos, de sofrer menos perseguições políticas por parte dos aparelhos repressivos do Estado, de adotar posições mais alinhadas com o governo vigente e de aplicar práticas autoritárias, pouco horizontais. Tais acusações apareciam de modo aberto nas entrevistas com membros dos outros grupos, como pode ser observado nos dois depoimentos a seguir, retirados de entrevistas com grupos midiativistas cariocas:

A única divergência que a gente tem é no sentido da gestão. Não tem como ter contato e trabalhar junto com coletivos e grupos que são geridos pelo Estado; onde é o Estado e as suas instituições que gerenciam, as que são declaradamente do Estado e as que foram aparelhadas pelo Estado depois que o PT virou governo. A gente não tem como ter nenhum tipo de trabalho conjunto com essa galera, com o Mídia Ninja, por exemplo. Agora com todos os outros coletivos a gente trabalha junto, são coletivos que estão sempre preocupados em saber a nossa posição e pedir orientação. (...) O coletivo Mariachi a gente sempre troca publicação, MIC principalmente, coletivo Carranca, o coletivo Tatu, todos eles. A gente já fez reuniões unificadas aqui para discutir até esse posicionamento que o Mídia Ninja teve antes da Copa do Mundo de assumir publicamente que apoiava o PT, apoiava o Lindberg e a Ivana Bentes, que era a guru deles, e acabou sendo indicada como assessora do Ministério da Cultura. Enfim, é uma coisa que nem precisa analisar muito para enxergar o conflito de interesses. E a gente se reuniu, fizemos várias reuniões – algumas delas chegaram a ter 40, 50 pessoas – inclusive a gente tá discutindo agora, uma discussão que tá numa fase de desenvolvimento bastante avançada, que é lançar uma associação de midiativistas, para a gente ter uma ação conjunta, para a gente ter uma troca de informação mais dinâmica e para que a gente possa se proteger também<sup>4</sup>.

(...) ao mesmo tempo, teve uma desilusão muito grande com a Mídia Ninja, que era parte do Fora do Eixo, e essas pessoas do Mídia Ninja que trabalhavam do nosso lado, filmavam as manifestações do nosso lado no ano passado, na campanha do Lindberg, foram fazer a campanha do Lindberg,

<sup>3</sup> Nesse momento decidimos incorporar ao projeto o jornal *A Nova Democracia* e os coletivos Mariachi e Projetação.

<sup>4</sup> Entrevista cedida aos autores da pesquisa.

sendo que na Copa a polícia da Dilma ela estava nos perseguindo, o ministro da justiça estava perseguindo os midiativistas. Se você olhar no inquérito que tem as 23 pessoas, citaram gente do (...), de várias mídias, só que não tem ninguém da Mídia Ninja sendo citado, então as pessoas, não sei se ficaram desiludidas, desencantadas com a atitude dessas pessoas, e então a gente hoje está se reinventando, aprendemos muito em 2013 e 2014<sup>5</sup>.

Nesse segundo depoimento, o entrevistado remete-se a um tempo em que não havia disputas com os Ninjas. Não podemos precisar quando essas disputas começaram, mas sabemos que elas existem desde 2013, e que alcançaram um dos pontos mais altos nos dias que antecederam a Copa do Mundo, em meados de 2014. A poucos dias do início da Copa, os Ninjas programaram um acampamento na Cinelândia, que funcionaria como uma base ativista para a cobertura das manifestações contra o evento, como expressa um dos seus integrantes no trecho a seguir:

Em 2014, a gente tá pensando em fazer um país aqui no RJ, uma República da Cinelândia, a princípio numa concepção de aproximação de grupos e de experiências coletivas para uma ocupação permanente aqui no RJ. Pode ser na Cinelândia, pode não ser. Pode ser com nome de República, pode não ser. E a gente vai construir isso, isso já está em processo com mais gente, uma ocupação que de fato permita que essas ideias que tão sendo colocadas, que precisam ser evidenciadas, não só para o Brasil, mas para o mundo, que elas consigam ter uma repercussão de fato legítima e à altura que elas demandam. A gente entra nesse ano de 2014 com a convicção de que ele é um ano histórico para o Brasil e que a gente pode através da Copa não só negar ela, falar “não vai ter copa, não vai ter copa...”. Porque é até legítimo essa negação uma vez que, os moldes que a Copa se constitui são moldes que são opressores, removem as pessoas das suas casas, ampliam a violência na periferia, na favela, que intensifica a desigualdade e que, principalmente, evidencia as contradições desse país. Eu acho que a gente tem que aproveitar a Copa do Mundo para expor isso, entendeu? (...) Simplesmente negar não vai resolver, então a gente precisa apresentar uma proposta, a gente precisa **construir um processo**, precisa legitimar isso de uma forma ampla e a gente pensou numa ocupação permanente ao longo da Copa, e ela vai ser feita de maneira aberta, construída por vários grupos que têm também uma vivência em coletivo. Porque eu acho que a gente precisa **aproximar os movimentos sociais** para colocar essas questões em debate. Fazer uma série de shows, fazer oficinas, envolver os moradores de rua, dialogar com as periferias, com os povos de terreiro, povos indígenas que são massacrados há mais de 500 anos nessas terras e botar isso de fato de uma forma propositiva. Criar uma constituinte, pensar e idealizar uma nova lei que regulamente a utilização das drogas, que criminalize a homofobia e que permita o aborto, entende? Que a gente consiga ter **um novo mundo possível sendo construído em processo** na altura que merece que esse ano aqui no Brasil. Enfim, então acho que **a gente não pode parar e ficar num discurso de negação**, a gente tem que conseguir apresentar propostas, criar narrativas de um novo mundo possível

<sup>5</sup> Entrevista cedida aos autores da pesquisa.

aqui no RJ e no Brasil, de maneira geral, e acho que esse ano é um ano fundamental para isso, porque a gente tem que aproveitar. Porque se a gente não aproveitar em 2014, essa oportunidade pode passar, essa Copa pode ser mais uma Copa. Enfim, eu acho que ela pode ser sim uma Copa das Copas e das manifestações. Uma Copa das ruas, uma copa onde a população vê o Brasil ganhar não só no campo, mas do lado de fora dos estádios também, que é essa a vontade das pessoas no Brasil, não é que não tenha ou que o Brasil perca... Acho que o Brasil tem que ganhar no campo e nas ruas<sup>6</sup>.

Nas semanas que antecederam a Copa do Mundo, houve de fato a tentativa Ninja de montar esse acampamento na Cinelândia. Não obstante, representantes de outros grupos midiativistas, associados a membros do Ocupa Câmara – que havia há meses ocupado a Cinelândia em um movimento bastante expressivo – impediram a montagem do acampamento. A disputa chegou às vias de fato, com trocas de agressões físicas entre as partes, no dia em que um dos integrantes dos Ninjas tentou colocar uma faixa com o nome do acampamento (“República”) na praça e esta foi retirada por um midiativista. A “República” não se estabeleceu naquele momento, sendo efetivada somente após a Copa do Mundo, dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no campus da Praia Vermelha, com a participação quase que exclusiva de representantes Ninjas de diversas cidades brasileiras, a grande maioria do interior de São Paulo.

O discurso acima expressa alguns aspectos da ideologia Ninja, tais como: o apreço pelas lutas identitárias, que naquele momento estavam sendo expressas de modo difuso nas manifestações; a percepção de que as mudanças sociais têm caráter processual e, nesse sentido, precisariam ser construídas e negociadas entre os diversos movimentos sociais; e, associado a este último ponto, a ideia de que a manifestação deveria ter um caráter propositivo, ao invés da negação pura e simples (estes dois últimos aspectos estão destacados em negrito no discurso apresentado).

Fica evidente que a finalidade do Mídia Ninja, do seu ponto de vista de *outsider*, era ser aceito como liderança de um processo de mobilizações sociais que levassem a transformações processuais. Não obstante, do ponto de vista dos outros grupos, já “estabelecidos”, a liderança Ninja apresentava invasiva de espaços políticos conquistados e representava uma ameaça de cooptação do Estado aos intensos movimentos que atuavam no cenário carioca e no Brasil como um todo. Vale ressaltar que, àquela altura, a maior parte dos novos grupos de midiativismo fazia oposição ao governo petista, desiludidos com as suas alianças para governar, que implicavam em dificuldades para realizar as transformações

---

<sup>6</sup> Entrevista cedida aos autores da pesquisa.

estruturais necessárias, além da repressão aos movimentos populares, já que, desde o início das manifestações, a polícia atuou de forma extremamente violenta.

Ao lado desses aspectos conjunturais, é preciso destacar que as orientações ideológicas e, portanto, as estratégias de luta dos grupos contrários aos Ninjas eram distintas. Embora não possamos definir com precisão cada uma dessas orientações, tanto em qualidade quanto em quantidade, já que são diversas e muitas vezes, quase clandestinas – dada a repressão do Estado –, podemos dizer que a perspectiva de transformação social desses grupos expressava-se por meio de propostas revolucionárias, com o uso da força para a tomada do poder por parte da classe trabalhadora, seguindo o modelo das revoluções socialistas; e/ou pela negação do Estado e de qualquer forma de dominação, numa das vertentes do anarquismo chamada por Zúquete (2016, p. 975) de “anarquismo de insurreição”, que realiza o ataque direto aos principais símbolos do Estado, quais sejam, os bancos, a mídia e os aparelhos repressores, em especial, a Polícia Militar.

Uma das vertentes dessa perspectiva revolucionária está alinhada aos ideários comunistas e à perspectiva de tomada de poder a partir da conscientização das massas, cabendo à imprensa democrática um papel importante nesse sentido. Um dos principais representantes desse ideário é o jornal *A Nova Democracia*, em parte financiado por antigos colaboradores do Partido Comunista (PCB), e que está associado ao Movimento Estudantil Popular Revolucionário (MEPR) e à Liga dos Camponeses Pobres (LCP). Diferente da maioria dos outros grupos de midiativismo, o *A Nova Democracia* já existe há mais de duas décadas em versão impressa. Há cerca de 10 anos, acompanhando as tendências das novas tecnologias de informação, passou a ter uma versão on-line e, no período das Jornadas de Junho de 2013, ganhou grande visibilidade por meio das postagens do seu braço midiativista, talvez o mais aguerrido do cenário midiativista carioca. Vejamos o que fala o seu então diretor sobre a linha editorial do *A Nova Democracia*:

Nossa linha é bastante ampla, mas se fosse sintetizar podemos falar que ela é uma linha editorial antilatifundiária e antiimperialista. Dentro disso, acho que estão embutidos todos os aspectos tanto da dominação brasileira pelo imperialismo como a maneira que a própria burguesia se comporta, como o próprio oportunismo brasileiro age também de olho nessa correlação de forças imperialistas que controla tudo no Brasil. E antilatifundiária porque no fundo é o que há de mais atrasado, mais retrógrado no Brasil, seja ele vestindo uma roupa de agronegócio ou de latifúndio escravocrata, seja lá de qual tipo for, é algo que deve ser varrido do mapa do Brasil. E enfim, fazer propaganda de todas as lutas populares sem fazer muito julgamento sobre

quem dirige, se são contra o Estado, o latifúndio, o imperialismo. Nosso propósito é divulgar essas lutas no Brasil e no exterior<sup>7</sup>.

Quando fala em apoio a “todas as lutas populares”, a linha editorial do jornal *A Nova Democracia* deixa de fora aquelas capitaneadas por movimentos reformistas. Em seus editoriais e matérias são constantes as críticas a essas perspectivas, com apoio aberto aos boicotes de eleições e a movimentos pela democracia representativa e pelo legalismo. Nesse sentido, o Jornal, embora com trajetória, estratégias e táticas distintas dos grupos de midiativismo, na época colaborava com os grupos de orientação anarquista.

Dentre esses outros grupos – que são a maioria no cenário carioca – é ainda mais difícil definir as ramificações, já que foram esses os maiores alvos da repressão do Estado e, por isso, não foi possível aprofundar a nossa pesquisa nessa direção. De forma geral, podemos dizer que a ideologia desses grupos tem como base: a rejeição da democracia representativa e de todas as formas de hierarquia; a valorização da ação direta, do fazer, da experiência de criação de novas formas de vida comunitária; e do uso da violência como tática de luta contra a repressão do Estado e para o ataque aos principais símbolos do sistema capitalista, tal como aponta Zúquete (2016) em seu artigo sobre o anarquismo contemporâneo. Vejamos os seguintes trechos de entrevistas com membros de movimentos de ideário anarquista, que se referem a dois dos grupos que acompanhamos:

O coletivo não se identifica muito com o autoritarismo, a burocratização, a representatividade e outras subjetividades bem peculiares ao Estado e ao comunismo, por exemplo. Não precisamos nem dizer que todos são contra o capitalismo e o liberalismo burguês. Nós nos unimos porque todos acreditam na força da ação direta e na organização baseada em consenso. Todas as individualidades são contempladas nas decisões do grupo. Não existe essa de voto majoritário ou voto algum. Se uma pessoa não se sente contemplada por uma decisão, não existe decisão (risos). Nesse ponto, apesar de não sermos um grupo anarquista, nos identificamos muito com o modelo de organização social anarquista. Somos um grupo que luta pela democratização da comunicação, fazendo um papel de midiativismo, de contrainformação que luta por causas sociais de maneira autônoma. Nós não queremos estar associados a grupos que têm suas práticas dirigidas por diretrizes partidárias ou por disputas de poder. A não ser que a disputa seja entre uma causa social e o descaso do Estado<sup>8</sup>.

O grupo ideologicamente é complexo, a maioria é anarquista, mas tem uma galera que não, é misturado. Por exemplo, quando o grupo começou a crescer o problema pegou aí. Havia opiniões diferentes e começou a dar

<sup>7</sup> Entrevista cedida aos autores da pesquisa.

<sup>8</sup> Entrevista cedida aos autores da pesquisa.

problema. Foi quando começou a puxar mais para a ideologia. Deixamos a prática do vamos pegar o outro lado da história e contar, de se fechar o foco nisso aí. Quando deixou de fechar o foco e filmar mais para o lado ideológico, foi quando começou a dar problema no grupo. Mas, a maioria ali é anarquista<sup>9</sup>.

Esta última fala mostra que a diversidade ideológica causou conflitos não só entre os grupos, mas também deles. Os problemas apontados pelo entrevistado, inclusive, vieram a culminar na dissolução do grupo alguns meses depois dessa entrevista. Já em relação ao primeiro trecho de entrevista, vale reparar que, embora o membro do grupo não se qualifique como “anarquista”, ele reproduz em sua fala a essência da ideologia e das práticas anarquistas mais recentes, tais quais vimos no segundo tópico deste artigo. Mas vale ressaltar que essa perspectiva ideológica não se percebe como um fim em si mesma, pelo contrário, ela prevê e propõe a autorreflexão, o que, de certa forma, está implícito também no segundo depoimento. Mais do que seguir uma determinada linha, parece haver uma perspectiva de abertura ideológica, tal qual fica mais explícita no seguinte trecho:

Então, é uma forma da gente atingir mais pessoas e mostrar o quanto é importante a gente refletir, o coletivo existe para fazer as pessoas pensarem, não temos o objetivo de dizer para ninguém que caminho devem seguir. O nosso objetivo é fazer as pessoas pensarem, refletirem, e fazer uma revolução sim! Mas, uma revolução interna de cada um. Acreditamos que essa rede que você me perguntou aja sim; individualmente, cada um com a sua liberdade, mas com uma consciência interna muito apurada para que cada interação que essa pessoa tiver com a mídia ela poder discernir qual o melhor caminho que ela deve seguir<sup>10</sup>.

Ao lado desses grupos, definidos por Macedo (2019, p. 203) como grupos de comunicação alternativa, já que são empenhados em criar novas representações em relação às mídias corporativas, surge também na esteira de 2013 o que chamamos de midiativismo comunitário, que tem como especificidade a atuação em um território específico, em sua maior parte as favelas ou regiões periféricas ao centro da cidade do Rio de Janeiro. Diferente dos grupos de comunicação alternativa, que atuam a partir de causas mais difusas, o midiativismo comunitário atua na concretude das demandas locais, sendo mais difícil a identificação de vertentes ideológicas nesses grupos. A dura e cruel realidade desses espaços remete, em geral, a questões mais urgentes e objetivas, tais quais a violência policial cotidiana

<sup>9</sup> Entrevista cedida aos autores da pesquisa.

<sup>10</sup> Entrevista cedida aos autores da pesquisa.

e as demandas por políticas sociais que forneçam um mínimo de dignidade à vida. Nesse sentido, talvez a principal batalha ideológica desses grupos seja a de deslocar do imaginário social a ideia de um centro da metrópole, em direção a algo que poderíamos chamar de “cidade rede”, composta por diversos centros de produção de subjetividades e cultura.

#### 4 CONSIDERAÇÕES

A ideia desta trilogia surgiu a partir das trocas com o professor Breno Bringel, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ (IESP-UERJ), que coordena um grupo de pesquisas sobre movimentos sociais. A partir de uma adaptação da proposta deles de estudar os “atores, práticas e gramáticas” dos movimentos sociais, chegamos à ideia de estudar a formação dos grupos de midiativismo, seu funcionamento e as ideologias que os condicionam (FASE, 2108). Assim, neste terceiro e último artigo desta etapa de pesquisas sobre o midiativismo, analisamos a ideologia dos grupos do Rio de Janeiro, pesquisados no momento que sua atuação alcançou o apogeu, entre 2013 e 2015.

Iniciamos o nosso percurso apontando para a diversidade de conceitos de ideologia. Dentre elas, adotamos aqui o conceito de Martin Seliger (SELIGER, 1976, p. 11, *apud* EAGLETON, 1997, p. 20), mais abrangente, que escapa do marxismo mais ortodoxo que o relaciona à ideia de ideologia à falsidade, assim como de alguns de seus desenvolvimentos, que o relacionam ao pensamento de um grupo politicamente dominante. Para nós, parece suficiente pensar a ideologia como um conjunto de ideias que condiciona a ação política e social de indivíduos e grupos.

Nosso segundo passo foi uma breve exposição sobre a trajetória das esquerdas brasileiras, marcada por disputas, rompimentos, dissidências, rearranjos, enfim, por movimentos constantes de fragmentações ideológica e institucional. A partir de divergências ideológicas e/ou estratégicas, nossa história de luta contra a opressão sempre foi caracterizada pela multiplicidade de grupos que, além de disputar os espaços políticos contra os opressores, disputavam também entre si a liderança dos processos de transformação social. Mais recentemente, com a emergência das pautas identitárias, tais disputas ganham ainda mais complexidade ao, por um lado, trazer à tona questões relevantes antes submersas, mas, por outro, aumentar ainda mais a fragmentação entre os grupos políticos.

Ao analisar as ideologias dos grupos de midiativismo, percebemos a prevalência dos ideais anarquistas. Tais ideais, manifestos de diversas formas, convivem de maneira relativamente harmoniosa com as perspectivas marxistas de transformação social pela via

revolucionária. Mas, como num filme antes já visto, ambas entram em choque com as propostas de transformação social de caráter reformista, baseadas na representação política. Ora, guardadas as devidas particularidades históricas, as disputas que aqui narramos entre os grupos de midiativismo não seriam uma repetição daquelas ocorridas em outros tempos, que resultaram em dissidências e formação de novos grupos políticos, determinando a fragmentação e o enfraquecimento dos mesmos na correlação de forças políticas? Desde que a esquerda é esquerda, não estaríamos “patinando” mais uma vez nas disputas entre as propostas de transformação social via reforma versus transformação social via revolução?

Enquanto as disputas pela hegemonia na esquerda prosseguem, a direita ressurgue com toda a força, mostra sua cara como há muito não se via e alcança espaços políticos jamais imaginados há alguns poucos anos. Ademais, como mostrou nossa pesquisa, embora a emergência de grupos de midiativismo signifique a formação de novas configurações sociais que funcionam de maneira mais democrática, informal e, por isso, mais efetiva, imprimindo transformações ao fazer jornalístico, no que se refere ao campo da ideologia, esses grupos também reproduzem as mesmas disputas que historicamente vêm fragmentando a luta contra a opressão e dificultando a transformação social.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (Notas para uma investigação). In: ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996 [1970]. p. 105-142.

ALVAREZ, Sônia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**: novas leituras. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

CARDOSO, Hamilton. Um pouco da história da esquerda. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 1, n. 3, dez. 1984.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. Tradução de Luís Carlos Borges Silvana Vieira. São Paulo: Editora Boitempo, 1977.

ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders. In: NEIBURG, Frederico; WAIZBORT, Leopoldo. **Escritos e ensaios 1**: estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FASE. **A luta popular urbana por seus protagonistas: direito à cidade, direitos nas cidades**. Rio de Janeiro, 2018.

FOX, Veronica del Pilar Proaño de; EFKEN, Karl Heinz. O discurso de resistência do movimento dos pescadores e pescadoras artesanais do Brasil. **Policromias**, ano IV, p. 237-271, dez. 2009.



GALVÃO, Andréia. Ideologia e política nos movimentos sociais da América Latina. In: **XXVII Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología**. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires: UBA, 2009.

MACEDO, Marcelo Hernandez. Sobre as formas de designar o universo da comunicação voltada para a promoção da democracia. **Revista de Comunicação Dialógica**, Rio de Janeiro, n.1, p. 196-215, jan./jul. 2019.

MACEDO, Marcelo; CARNEIRO, Elis; BANDINI, Bárbara. As condições de sustentabilidade, a organização e os efeitos do midiativismo no Rio de Janeiro. **Revista comunicação & educação**, ano XXV, n. 1, jan./jun. 2020.

MACEDO, Marcelo Hernandez; SILVA, Flávio; CARDOSO, Alessandra. A formação de grupos de midiativismo no Rio de Janeiro. **ALCEU**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 94-113, jul./dez. 2017.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Ensaio, 1996.

RUDE, George. **Ideologia e protesto popular**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SANTANA, Marco Aurélio. O “novo” e o “velho” sindicalismo: análise de um debate. **Revista de Sociedade de Política**, Curitiba, n. 10/11, 1998, p. 19-35.

SILVA, Antonio Ozaí da. Esboço para a história da esquerda no Brasil. **Revista Espaço Acadêmico**, v. IX, n. 103, 2009.

SOUZA, Vitor. **A pauta identitárias e a divisão da esquerda**. Jornal GGN, de 06 de novembro de 2019. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/blog/vitor-fernandes/a-pauta-identitaria-e-a-divisao-da-esquerda/>. Acesso em: 14 mai. 2020.

THOMPSON, Edward Palmer. **Tradição, revolta e consciência de classe**. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

VAN DIJK, Teun A. **Ideologia y discurso: una introducción multidisciplinária**. Barcelona: Ariel, 2008.

VOLANIN, Leopoldo. **Poder e mídia: a criminalização dos movimentos sociais no Brasil nas últimas trinta décadas**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/760-4.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2020.

WILLIAMS, Raymond. **Keywords: a vocabulary of culture and society**. New York: Oxford University Press, 1983.

ZÚQUETE, José Pedro. O anarquismo está de volta? **Análise Social**, n. 221, v. LI (4º), p. 966-989, 2016.





PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

*Original recebido em: 25 de junho de 2020*  
*Aceito para publicação em: 21 de julho de 2021*

***Marcelo Ernandez Macedo***

Professor Associado da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e Coordenador do  
Laboratório de Comunicação Dialógica (LCD/FCS/UERJ)  
*marcelo.ernandez@gmail.com*

***Milene Santos Couto***

Graduanda em Letras pelo Instituto de Letras da UERJ e Bolsista de Iniciação Científica do  
Laboratório de Comunicação Dialógica (LCD/FCS/UERJ)  
*milene\_couto@hotmail.com*



Esta obra está licenciada com uma Licença  
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

